



PUC
RIO

ANGELA MARIA DE OLIVEIRA TONINI

CRECHE: GUARDIÃ OU SOCIALIZADORA?

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro de 1982.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / 1665c / TSE UC

Título: Creche e escola de organização 2 / 4.11.07.1



0 0 3 1 4 4 2
EX-1-CENTRAL 2 1992

Be
PUC

DOAÇÃO

ANGELA MARIA DE OLIVEIRA TONINI

UC19551-4

CRECHE: GUARDIÃ OU SOCIALIZADORA?

Dissertação apresentada ao Departamen
to de Psicologia da PUC/RJ como parte
dos requisitos para obtenção do títu-
lo de Mestre em Psicologia

Orientadora: Circe Navarro Rivas

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro de 1982

VE-195614



150
T665C
TESE VC

À ANA

E suas lindas aprendizes.

Meus agradecimentos

À Circe Navarro Rivas pela compreensão e confiança depositada.

À Maisa Soares Abreu e Maria América Carvalho Pires pela contri
buição voluntária e amiga.

À P. Ricardo C. Machado pela vigilância companheira.

À Lucimar Bragança da Silva pela enorme cooperação na datilografia.

A meus pais e irmãos pelo bem querer e pela torcida no caminho esco-
lhido.

A todos que acreditaram neste trabalho e que de alguma forma contri
buíram para sua concretização.

RESUMO

A perspectiva de que os processos de socialização infantil adquirem dimensões diferentes em creches que atendem crianças de classe média e outras que atendem crianças de classe baixa é formulada a partir da discussão das funções da creche. A análise teórica parte da abordagem da socialização sob o ponto de vista psicanalítico e sob o ponto de vista sociológico-político na verificação da origem e da exteriorização do processo de formação e crescimento infantil; bem como da abordagem da família e da infância em sua posição nos estratos de classes sociais. Do confronto entre os pressupostos teóricos e um trabalho de campo, onde foram observadas as expectativas e estruturas da família e da instituição acerca da formação infantil, delimitou-se o papel da creche.

RÉSUMÉ

De discussions en discussions sur les fonctions de la crèche, on a essayé de formuler notre sujet de travail dans une perspective où les processus de socialisation infantile acquièrent des dimensions différentes selon les niveaux socio-économiques des crèches pour des prolétaires et celles pour la classe moyenne. L'analyse théorique part de deux études: l'une qui aborde le sujet sous les optiques psychanalytique et sociologique-politique, afin de vérifier l'origine et l'extériorisation du processus de formation et de développement infantil, et l'autre qui touche à la problématique de la famille et de l'enfance selon leur position dans des couches sociales distinctes. Le rôle de la crèche prend sens de la confrontation entre les presupposés théoriques et une recherche sur le terrain à partir de quoi on a pu travailler sur les expectatives et les structures de la famille et de l'institution sur la formation infantile.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	I
1 - OS DISCURSOS TEÓRICOS	10
1.1 - OS PRESSUPOSTOS DA SOCIALIZAÇÃO	10
1.1.1 - Do ponto de vista psicanalítico	11
1.1.2 - Do ponto de vista sociológico-político	19
1.2 - POR QUE CRECHES?	23
1.2.1 - Creche não é escola maternal	23
1.2.2 - A creche protege a criança?	25
2 - UMA VISÃO DA PRÁTICA	28
2.1 - UMA SUSCINTA APRESENTAÇÃO	28
2.2 - DESCRIÇÃO DAS UNIDADES DE PESQUISA	29
2.3 - PENETRAR NO ESPAÇO-CRECHE	56
3 - CONCLUSÕES	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	66

Este trabalho se delineou a partir do interesse primeiro pela condição feminina, nas múltiplas vertentes do seu processo de transformação social. Como preocupação mais ampla surgia a problemática enfrentada pela mulher na diversidade de papéis assumidos. A inserção no mercado de trabalho fora do lar e a utilização da mão de obra feminina no processo de industrialização vieram acumular-se às suas funções primária e historicamente determinadas - esposa, mãe e mantenedora da ordem doméstica funcional.

Dentre os diversos encargos, dentro da família o cuidado dos filhos permanece sendo preponderantemente feminino. Na consideração desta realidade é que, mais particularmente, se colocou uma questão: a possibilidade de resolução do conflito entre os papéis de trabalhadora extra-domiciliar - como um dos fatores de sua emancipação - e de protetora, nutridora e responsável pelo cuidado e educação dos filhos. E, neste contexto, revendo as condições oferecidas (ou não oferecidas) pela estrutura social, a creche apareceu como opção. O interesse se estendeu na pressuposição do desconhecimento do papel que a creche representa para a família, a criança e a comunidade.

Tratada como instituição asilar, a creche historicamente recebeu o cunho de "depósito" de crianças.

Criada ao final do séc. XIX para atender bebês e crianças pequenas, filhos de famílias pobres, cujas mães viam-se obrigadas a ir trabalhar, sua função de mantenedora da custódia de crianças lhe deu um caráter assistencial. Por outro lado, ficando sob o monopólio da Igreja e das ordens religiosas, assumiu uma perspectiva caritativa.

As condições sanitárias da época e a falta de recursos das famílias expunham as crianças ao risco de contágio. Assim, era constante a desconfiança e o medo das mães em colocar seus filhos na creche.

Mobilizada pelo medo da morte, a família se introduz na creche de forma espontânea e informal na concepção do que seria a guarda da criança, ainda que a creche até então manifestasse a desagregação da família - isso gerado pela industrialização e pela imobilidade e migração de camadas rurais para a cidade.

O estatuto das creches é elaborado em 1942, quando ao mesmo tempo em que eram proclamados os méritos da mulher no lar eram também atualizadas estruturas massivas de acolhimento e guarda de crianças.

O progresso da Medicina faz com que seja inscrito o discurso médico na creche e se inicie a preocupação com a saúde e os cuidados higiênico - sanitários. É na concepção de impedidores da morte da criança que o saber médico e os modelos higiênico-sanitários se apresentam, então, com o valor que vai permanecer até nossos dias. Caracterizadas como ciências especializadas da infância, a Pedagogia e a Psicologia, mais tarde, vão ser utilizadas na creche, suscitando modificações de estrutura e funcionamento no sentido de auxiliar a criança no seu desenvolvimento.

Nos detendo em discutir o papel que a creche cumpre, interessados em conhecer como esta instituição absorve as expectativas da família e da comunidade, focalizamos a criança como o principal e mais direto receptor de seus determinantes. Não analisaremos a infância em todos os seus aspectos nem o desenvolvimento da criança em seus particulares. Contudo, estaremos vendo-a enquanto agente e

transmissora dos valores adultos.

Historicamente, há um menosprezo pela vida infantil e pouco interesse pela criança enquanto ser de vida própria, diferencia do do adulto. Por um lado, a criança, como dependente da família e do Estado, não reembolsa de imediato os gastos que provoca no custeio de seu início de vida. Essa visão, perpetuada no tempo, aparece, em meados do séc. XVIII, em ampla literatura sobre o tema da conservação de crianças.

O Estado administrava os menores abandonados com interesse em os manter úteis a ele logo que pudesse ser empreendida sua força de trabalho. A mortalidade infantil era reprovada com base nesse interesse. Donzelot (3) escreveu, a respeito dos surpreendentes índices de mortalidade dos menores abandonados recolhidos, que "todos esses memoriais se obstinam em mostrar como seria oportuno, não obstante, salvaguardar os bastardos a fim de destiná-los a tarefas nacionais, como a colonização, a milícia, a marinha, tarefas para as quais eles estariam perfeitamente adaptados pelo fato de não possuírem vínculos de obrigações familiares" (pg. 16).

Por outro lado, como enunciou Ariès (1), "não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem (...). Até hoje nós não falamos em começar a vida no sentido de sair da infância?"

Não foi colocado que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O significado do sentimento da infância, entretanto, não correspondia à consciência da particularidade infantil que distingue essencialmente a criança do adulto.

Mais amplamente, a segregação da infância como iniciadora e construtora do indivíduo enquanto ser social dissimula a compreensão dos papéis do adulto, seja na sua própria atuação seja como reproduzidor do sistema de regras, normas, valores e papéis interiorizados na criança que ele um dia foi.

Foi a partir desta questão que os temas antes pensados em certo grau isoladamente começavam a se esboçar como entrelaçados adotando uma forma mais dinâmica e globalizada. Se a mulher, pelo acúmulo de funções e papéis e pelo ingresso no sistema de produção, teve que passar a outros a guarda dos filhos e se lhe apresentou como opção uma instituição que se estruturou com esta finalidade, e se a criança é um ser em processo, interiorizadora de papéis, sistemas de regras, normas e valores transmitidos para a vida adulta, estas avaliações nos levaram a conceber a creche como instituição extra-familiar de socialização infantil.

A colocação de forma alguma é nova enquanto tal e a princípio se constitui óbvia. Mas, sob que aspectos e segundo quais expectativas a creche cumpre esse papel? A creche está destituída de sua única função de guardiã e asilo como concebida no início de sua história?

Foi este interesse que se esboçou como a proposta central de investigação deste trabalho.

Sullerot e Saltiel (10) ressaltam, nos estudos realizados na França, a conscientização que se tem adquirido de que a creche não é mais atribuído somente o papel de guardiã de crianças nem mais unicamente um meio cômodo de liberar a mãe dos encargos com os filhos, mas que além de sua função social e sanitária se reconhece as vastas possibilidades educativas desta instituição pedagógica.

gica. Utilizando-nos da visão que iremos adotar na discussão deste trabalho, de que a vida infantil é uma etapa do desenvolvimento do homem e de aquisição de papéis e valores que determinarão a sua condição de participação na vida adulta, Saraceno (9) nos fornece alguns subsídios de discussão e coloca em questão essa perspectiva pedagógica. Alerta-nos quanto à elitização da educação, dirigida à formação de indivíduos convencionais - perspectiva que trata a socialização de maneira didática e não política. Ressalte mos que a socialização é entendida aqui como o processo de aprendizagem dos papéis do adulto tal e como são codificados em uma sociedade concreta, em sua estrutura particular de relações sociais. Assim, na medida em que a criança está marcada pela inclusão em uma classe social desde o momento em que nasce, as instituições extra-familiares, no que dizem respeito a sua organização e conteúdo, reforçam e cristalizam as consequências de tal determinação.

O processo de institucionalização da infância deu-se através da institucionalização da família de classe superior gerando a prevalência da esfera privada frente à pública. As ações e a afetividade da criança ficam limitadas neste âmbito privado que lhe serve de suporte. A criança se coloca como objeto e testemunho - instrumento desta função, ao mesmo tempo que é condicionada a uma dependência mais forte da família, dos pais, seja em termos emocionais seja em termos temporais: a infância enquanto estado ainda não adulto abriga um maior número de anos e se prolonga ulteriormente à adolescência.

A família, aí, aparece como sujeito e agente. A família enquanto agente de socialização primária, tendo a mãe como a representante mais direta nas primeiras experiências vivenciadas pela criança, introduz o processo de interiorização através da lingua-

gêm, linguagem genericamente conceituada como expressão da comunicação e conceitualizada segundo Lorenzer (7) como o "sistema central de regras em que se conservam objetivamente as regras da interação".

Neste ponto a socialização se instrumentalizou em uma segunda dimensão. Por um entrelaçamento gestual, por um acordo de certo modo tácito de necessidades mútuas o jogo recíproco da díade mãe - filho é caracterizado como interação. Não decomposta em seus dois pólos reais - mãe e filho - a interação encerrada na díade responde aos seguintes determinantes: a) às necessidades corporais da criança e a exteriorizações motoras e sensoriais que elas suscitam, introduzidas no jogo recíproco da díade; b) à praxis da mãe que, em uma interação real, dá respostas confirmadoras às necessidades corporais e à atividade sensório-motora da criança. O jogo de interação dentro da díade mãe-filho sempre está inserido nos jogos de linguagem da mãe dentro da comunidade de praxis em que se encontra. Portanto, há a possibilidade de que nessa situação introdutória da linguagem, como a chamou Lorenzer, se encontre a primeira forma de socialização e interiorização das relações.

Se o status do saber da criança na determinação de suas ações é inicialmente conferido à família, através da mãe, e se a família integra o complexo social global, da interação particular mãe-filho às diferentes formas de interação com a realidade externa, no vamente se colocam as condições da estrutura social que as determinam.

A opção da família pela creche será condicionada às expectativas que ela mantém segundo os pressupostos da classe social a que pertence. Se a estrutura da creche determinar os valores ideais para o "sucesso" social da criança, a estrutura familiar por um la-

do a constatará já que toma para si o único direito de educar e socializar seus filhos; por outro, nela colocará expectativas e exigências de compartilhamento nessa socialização inscrevendo também seu ideal. Nesse contexto, examinar a socialização infantil confrontando-se a realidade familiar e a realidade institucional, ainda que suscintamente, tornou-se relevante.

A concepção caritativa e guardiã que a creche traz desde o início de sua criação parece ser hoje em dia, ainda, ameaçadora e deturpada de suas demais funções. A determinação da estrutura e ideologia acerca da creche decorreu de sua origem, quando serviu a filhos de mães pobres que precisavam trabalhar. Nessa dimensão, foi-se transformando enquanto se introduziam os discursos da Medicina, da Pedagogia e da Psicologia que, ao serem valorizados, ampliaram as possibilidades de atendimento a outros tipos de família.

Os determinantes de classe, assim, foram também os determinantes da transformação de função da creche. Os valores educativos da chamada capa social média traduzidos em exigências cada vez maiores de aprimoramento visando a ascensão, por um lado, proclamaram e absorveram as ciências infantis especializadas concedendo à creche a função educadora. O poder sócio-econômico, por outro lado, moveu a família média a pagar serviços de proteção a seus filhos, transferindo-a do âmbito público para o privado.

Foram essas considerações que justificaram a segunda abordagem do problema: a socialização infantil adquire dimensões diferentes em creches que atendem crianças de médio poder aquisitivo e de baixo poder aquisitivo. Ressalte-se que a referência à classe mais superior, ou alta, foi omitida por sua pouca representatividade.

Recolocando aqui o papel da família e vendo-a enquanto intermediadora entre a criança e a instituição, investigaremos o problema sob o aspecto da interrelação de expectativas. Ou seja, como a creche absorve as expectativas e condições de vida familiares em relação à educação das crianças e como a família se subordina aos preceitos estabelecidos pela instituição.

Estão aí as propostas de investigação deste trabalho, difíceis pelas diversas perspectivas relevantes que adota.

Foi elaborado sob dois prismas: teórico e prático. A abordagem teórica focalizou as variáveis que forneceram subsídios para o entendimento dos objetivos do estudo - família - criança - creche, da institucionalização e da socialização. A perspectiva prática se constituiu no trabalho de campo em duas creches situadas no Rio de Janeiro, destinadas ao atendimento de famílias de baixo poder aquisitivo e de médio poder aquisitivo. As unidades de pesquisa foram escolhidas aleatoriamente, sendo único o critério de classes sociais.

Foi a partir da visita a uma das creches que se esboçaram algumas questões: a demanda das necessidades e expectativas da mãe sobre a creche, a estruturação da creche e a filosofia absorvida pelo pessoal que nela trabalha, a transmissão de mensagens às crianças.

A problemática é vasta e não temos pretensão de esgotá-la. O trabalho contém o desejo de revelar a creche nas suas dimensões mais favoráveis propiciando o interesse de outros estudos que ampliem seu entendimento como instituição necessária. As mulheres, como recurso ao desempenho menos massacrante de seus "novos" papéis. As crianças, como desvendadora de suas potencialidades de

ser social em formação. A comunidade, como um alerta às suas con-
tradições.

CAPÍTULO 1

1 - OS DISCURSOS TEÓRICOS

1.1 - OS PRESSUPOSTOS DA SOCIALIZAÇÃO

A socialização começa onde começa a vida coletiva. Entendamos coletivo como a relação que se dá entre no mínimo duas pessoas. Conceituemos, também, socialização, de maneira mais ampla, como o processo de formação, interiorização e sedimentação de estruturas sociais.

Da relação dual às múltiplas formas de "convivência", o que fica evidenciado é que há uma reciprocidade contínua e histórica nas formas de interação do indivíduo com o mundo. Contínua enquanto dinâmica, em movimento. Histórica na sua perspectiva dialética de confronto da natureza interior com a praxis.

A socialização, presumida desta forma, subordina seus processos às contradições e atitudes conflitivas dos membros da coletividade e seus mecanismos se iniciam desde a formação da personalidade individual até a confirmação e consolidação da organização estrutural do coletivo - família, instituições sociais, sociedade como um todo.

Dois pontos de vista serão analisados no entendimento dos processos e mecanismos da socialização: um psicanalítico e outro sociológico. A perspectiva que estamos adotando neste trabalho, quase histórica, política e social, justifica tais abordagens. Se, por um lado, a dimensão sociológica nos dá a visão da criança como duplamente resultante e originária das interrelações que se estabele

cem no seu meio social e, por conseguinte, na consolidação das regras sociais em que vive, foi, por outro lado, na dimensão psicanalítica que encontramos a base da formação e do crescimento das estruturas que explicarão a dimensão sociológica.

Não alargaremos exaustivamente a análise das duas perspectivas. Aqui, o objetivo é apresentar as conceituações mais relevantes - e tentaremos nos manter o mais fielmente possível às pressuposições dos autores - fornecendo um esboço de compreensão para a análise conjunta dos dados num outro momento.

Deste modo, investigaremos a seguinte questão: como a criança interage para permitir, desde o nascimento, a formação de estruturas de convívio social?

1.1.1 - Do Ponto de Vista Psicanalítico

Antes de nos determos em apresentar os conceitos, devemos ressaltar que a investigação de Lorenzer (7) parte do modelo psicanalítico no propósito de esclarecer o estatuto da psicanálise como ciência social. Para tanto, utiliza-se do conceito de pulsão em quanto "necessidade física, processos corporais e materiais que se introduzem na vivência e lhe dão conteúdo" (pg.18), necessidade esta não consciente. Além disso, propõe que: a) o crescimento humano deve ser investigado na direção dos processos emocionais e não dos fatos da percepção nem dos atos cognitivos; não desconsidera o pensamento e o conhecimento, mas os valora só se tratados no âmbito prático do homem com seus projetos relacionais.

- b) os processos afetivos devem-se referir aos destinos da pulsão e estes aos destinos das relações objetais;
- c) o destino do adulto se ergue sobre o destino da criança;
- d) a dependência do adulto a respeito de sua própria infância umenta e se desfigura quando a socialização primária se fixa em uma reprodução rígida de crises e sinais infantis. Trata a subjetividade da perspectiva dialética prática em que o indivíduo cresce confrontando a natureza exterior e a interior.

Lorenzer discute o processo de socialização a partir da socialização primária, ou seja, a relação mãe-filho, analisando duas situações fundamentais: a exercitação na interação e a "introdução na linguagem". Tais situações são conceituadas respectivamente por situação de "avenimiento"* e situação "introdutória".

Da observação do vínculo que une a criança à sua mãe "biológica" origina-se a díade mãe-filho, "numa íntima conjunção entre o embrião e o objeto relacional primário" (pg.26). Deste modo, a socialização parte do surgimento de uma relação pelo estabelecimento de um vínculo que se processa através de uma regulação pulsional na alternância entre satisfação e frustração. O que significa isto?

* Não foi encontrado um termo que traduzisse a palavra com o mesmo significado dado pelo autor.

As frustrações se produzem na adaptação à nova vida durante as primeiras semanas posteriores ao nascimento, quando de um estado de satisfação plena e constante da proteção pré-natal o bebê passa à insegurança pós-natal. É esta alternância de satisfação e frustração que move o desenvolvimento. Se as pulsões são reguladas internamente, ainda na fase de gestação do desenvolvimento orgânico da criança, começa a se configurar a ação dirigida à realidade. Assim, na realização dos desejos pulsionais na díade mãe-filho a relação neste modo de satisfação, de um e de outro, se condensa nas fórmulas que determinam todo o desenvolvimento posterior.

Neste modo de ver psicanalítico, a socialização consiste em um processo em que se vão fixando fórmulas de resolução que não eliminam por completo as tensões existentes, mas as cancelam dentro de um âmbito relacional determinado. É neste caráter dialético que se encontra a equivalência da produção de uma relação recíproca. Entenderemos a questão partindo da perspectiva do organismo infantil, que persiste em uma fase de indiferenciação, em que as formas prévias de um "eu" posterior, quaisquer que sejam, não podem separar-se das necessidades corporais, formando um continuum com o seu meio biológico, ou seja, em que o indivíduo no primeiro estágio é parte do organismo materno.

A diferenciação do organismo infantil em uma unidade biológica (e depois psíquica) delimitada se estabelece temporalmente. No estado de continuum inseparável irrompem estímulos - caracterizados como estímulos internos, como por exemplo golpes através da parede do ventre materno. Estes representam interrupções no estado de satisfação e determinam, portanto, uma alteração neste estado, o qual provoca reações no organismo infantil. Esses estados de alte-

ração desaparecem e voltam a repetir-se depois. A partir disso é que se esboça uma estrutura.

A outra dimensão de diferenciação é a diferenciação espacial entre organismo infantil e mãe, que se dá pelo trauma do nascimento. Com o trauma do nascimento ocorre o salto que vai do estado de dependência quase absoluta da vida intrauterina até o começo da autonomia.

A destruição da unidade originária, ou seja, do continuum de indiferenciação, de privação - apaziguamento, se dá à medida que se constrói passo a passo o jogo recíproco. Isto significa que o jogo recíproco entre mãe e organismo infantil começa a funcionar na medida em que o estado de "harmonia" pela ausência de necessidades é perturbado e a privação se converte em necessidade (e depois em necessidade satisfeita ou insatisfeita). A implicação disso é o crescente distanciamento entre necessidade e satisfação, distanciamento este que continuamente suprimido equivale ao estabelecimento da relação recíproca.

A cadeia de perturbações, ou seja, de frustrações da satisfação imediata das necessidades, tira o bebê da unidade privação - plenitude, em que não existem necessidades nem sofrimento. Para substituí-la, adquire novas formas de satisfação na relação recíproca, cujo despreendimento pouco a pouco revela a oposição do "eu" e "não eu". Considerando-se os níveis de interferência dos estímulos internos que desencadeiam os processos até aqui descritos, é visto que as perturbações traumáticas primárias configuram sempre pontos nos quais a relação mútua se experimenta como uma interação que suprime o estímulo. Contudo, o exercício desse jogo recíproco, admi-

tido como instrumento da "economia" de necessidades, não transcorre sem perturbações. Lorenzer coloca que ainda que construíssemos uma situação ideal, utópica, de uma assistência materna não perturbada por quaisquer fatores, como por exemplo a ausência momentânea da mãe, a satisfação das necessidades não pode seguir um ritmo que exigiria a privação física do bebê; ainda assim se frustrariam as expectativas deste no jogo recíproco já operante. Assim, como resultado destas novas e inevitáveis experiências, o jogo recíproco alcança, por fim, a forma definida pela relação entre este bebê e esta mãe. E é a esta especificidade da relação mãe e filho, que se assegura na interação real, que chamamos de formas específicas de interação da díade mãe-filho.

Na interação concreta da díade mãe - filho a relação não se estabelece entre um perfil de pulsões já definido e um correspondente exterior que constituiria seu ambiente; ao contrário, tanto o perfil de pulsões como o "horizonte circundante" só se constituem na situação de "avenimiento" ou seja, no modo de agir e atuar na interação segundo a bagagem de experiências trazidas para a situação. O bebê cria a imagem de sua mãe segundo a imagem da interação. E, certamente, a imagem não cresce a partir de um inconsciente isolado e, sim, é a sedimentação de um determinado jogo recíproco entre necessidades corporais e "maneiras" de interação entre a natureza infantil e as forças que através da mãe influem sobre a relação real. Deste modo, a maneira de interatuar da mãe, sua praxis concreta, é o produto de sua própria praxis de vida, inserida na ação da sociedade global. Mais do que isso, considerando que a mãe foi objeto deste mesmo processo de socialização, enquanto filho da díade mãe - filho, nos remetemos à sua mãe e à seus familiares, ao processo dia

lético entre natureza interior e formas de interação oferecidas de sua geração anterior, para compreender a transmissão da cultura. Assim, a ação materna é específica de uma cultura e a transmissão das normas culturais é dada pela mãe segundo o que ela recebeu no seu processo de socialização.

Passemos aqui das cenas reais de interação, compreendidas como situação de "avenimiento", para a outra dimensão da interação na díade mãe-filho: a situação introdutória da linguagem.

Se o jogo recíproco da díade mãe-filho se caracteriza por um entrelaçamento gestual, por um acordo de certo modo tácito de necessidades mútuas, o símbolo linguístico aparece como um elemento fundamental. Como, a partir da interação muda, não consciente, se chega ao distanciamento sujeito-objeto e à formação de uma consciência? Entendendo esta questão chegaremos aos passos intermediários entre a interação determinada, resultado de uma relação recíproca o perante, e a situação introdutória.

Lorenzer condiciona a interação na díade: a) às necessidades corporais da criança e às exteriorizações motoras e sensoriais que elas suscitam, introduzidas no jogo recíproco; b) à praxis da mãe que, em uma interação real, dá respostas configuradoras às necessidades corporais e à atividade sensório-motora da criança. Assim, uma interação real é também a situação introdutória da linguagem, na qual a forma de interação determinada, posta em prática na díade mãe-filho, se aplica mediante a palavra falada. Por meio da palavra falada a forma de interação determinada alcança seu conceito, ou seja, a situação "de avenimiento" se converte associando-se

com um complexo acústico na situação introdutória da linguagem. Na medida em que a situação introdutória emerge da situação de interação efetiva, surge um ponto que é decisivo: a forma de interação praticada na interação real recebe, então, um nome. Esse processo é melhor entendido no seguinte exemplo, em passos: a) a mãe diz uma palavra, por exemplo "mamã"; b) a mãe indica com a palavra, em um gesto implícito, a interação de que a criança se apropria como forma de interação determinada; c) a criança ouve a palavra como parte da interação efetiva em que se encontra nesse momento, ou seja, como designação dessa forma de interação; d) a criança pronuncia uma palavra, por exemplo "mamã" como parte da interação e passa a ser ouvinte de seus enunciados, com o qual se fecha o círculo sensorio-motor da fala. Este caráter recíproco da experiência infantil funda a unidade entre passividade e atividade, de onde emerge a ação autônoma. Só então se introduz a palavra e o símbolo "mamã" começa sua independentização.

Greenson (4) também destaca a importância do complexo atividade-passividade em todos os pontos críticos do desenvolvimento infantil, quando indica a situação de lactância como precursora da situação introdutória das palavras. "Em todos os desenvolvimentos do ego que representam uma transição da passividade à atividade, a identificação é o mecanismo significante. Assim, a incorporação auditiva das palavras é um fator crítico na maturação da criança. A fala é, por um lado, um meio para manter conexão com a mãe e, por outro, um meio para separar-se dela. A criança que mamou do peito da mãe recoloca isto introjetando uma nova variável: os sons que ela emite. Além disso, permite à criança repetir ativamente esta velha e passiva gratificação. Substitui, então, a passividade e o

apego à mãe pela atividade e a identificação com ela através da linguagem (...). É fácil evidenciar, por conseguinte, que a índole da relação inicial da criança com o peito materno exercerá influência decisiva sobre sua relação com o idioma da mãe" (pg.22).

Outro aspecto, apresentado por Lorenzer, é o modo como o enfrentamento com a natureza externa se enraiza nos processos histórico-materiais passados à criança pela praxis materna na díade mãe-filho. Como vimos, anteriormente, a díade é uma forma determinada de interação humana e a praxis da mãe deve entender-se num âmbito parcial da praxis social global. Devemos ressaltar que a praxis social global é sempre uma praxis mediada simbolicamente, porque o confronto da sociedade com a natureza exterior nunca pode consistir na ação instrumental de indivíduos isolados mas, sim, no exercício constante dos processos de interação dos indivíduos (nas condições político-econômicas concretas). Se consideramos a linguagem como o "sistema central de regras em que se conservam objetivamente as regras da interação" (pg.63), estaremos ressaltando, de modo implícito, a importância da linguagem para a ação materna no exercício pré linguístico do jogo recíproco da díade mãe-filho. Esta situação pré linguística nunca é "extra-linguística" e o jogo de interação na díade mãe-filho sempre será inserido nos jogos de linguagem da mãe dentro da comunidade de praxis em que se encontra. Assim, já que a introdução da linguagem, tal como a vimos, surge diretamente do intercâmbio gestual, no processo de iniciação na linguagem a praxis se integra no concreto, ou seja, em sua respectiva determinação histórica, no jogo da formação de conteúdos conceituais. Seu fundamento se constitui em ações que, nos gestos de assinalar e de nomear, permanecem dentro dos processos sociais atuais. Esse cará-

ter histórico é situado na medida em que a sedimentação de iniciações anteriores se transmite na linguagem e em que essas iniciações e as situações introdutórias iniciais surgem de uma interação prática.

Finalizando, Lorenzer evidencia que o desenvolvimento humano consiste na inclusão de formas de interação exercitadas sem consciência no sistema de linguagem. A possibilidade de antecipar formas determinadas de interação, conferindo-lhes independência no símbolo, amplia o poder de disposição do indivíduo, que passo a passo se emancipa da díade mãe-filho.

1.1.2 - Do Ponto de Vista Sociológico-Político

O "abandono" às peculiaridades da infância, o caráter indiferenciador da criança em relação ao adulto, a visão pragmática de família, são assuntos que acompanham a história dos grupos sociais. Regidos por normas seguramente mais rígidas na era passada, mantêm-se hoje ainda controvertidos, mas evidenciados pela importância no entendimento das relações humanas e sociais.

Saraceno (9) parte da infância preocupado com ela e estabelece uma discussão clara das interrelações e determinações sócio-econômicas e políticas na formação do indivíduo.

A ênfase sobre a infância é vista como coincidente com a instrumentalização afetiva da criança: pela mãe, na medida em que é educada a ver nos filhos sua própria realização, já que é neste papel que se lhe determinaram a valorização; pelo pai, que através

dos filhos vê a possibilidade de gratificação e de reconhecimento ca da vez mais difícil em outras esferas. A consequência disso é a per petuação da dependência que se cria entre os elementos familiares.

"A institucionalização da infância, a proclamação de sua autonomia em relação ao mundo adulto, coincide, de fato, com o prolongamento e re forço de uma dependência. E a separação da criança do adulto se dá em função dos pais, do coletivo e do adulto que a criança será" (pg.13). Por outro lado, a consciência da importância da infância para o desenvolvimento da personalidade parece rigidamente limitada dentro das normas precisas de classes sociais.

Deste modo, Saraceno entende a socialização como "processo de aprendizagem dos papéis do adulto tal qual são codificados em uma sociedade concreta, em uma estrutura particular de relações sociais". O nascimento, o ato de nascer, de sobreviver, de ser ou não querido é um fato socialmente determinado, marcado pelas relações existentes entre os adultos. A separação criança-adulto é também uma profunda unidade-dependência, não só do particular adulto-pai, mas do coleti vo dos adultos em suas relações recíprocas. Assim, trata-se de uma relação social global e política.

Ressaltemos aqui que a atenção específica à infância, à cri ança e ao amor maternal se desenvolveu a partir de um período histó rico bem determinado e com funções sociais precisas que não conside ram, a não ser de modo indireto e às vezes errôneo, o bem da criança. Assim, confirma-se a visão da criança como ser extra-econômico e apo lítico, indiferenciado do adulto, criado à imagem e semelhança e em função da sociedade adulta que decide e determina a socialização.

A modificação de perspectiva, ou seja, o descobrimento da infância na cultura ocidental contemporânea parte do estabelecimento de novas necessidades. A ordem social passa a valorizar a infância na perspectiva de um possível futuro diferente. Essa valorização, contudo, se transforma em reproduções do domínio e das diferenças sociais através da criança, com a mediação mais ou menos consciente dos variados agentes de socialização - família, escola etc. O crescimento da industrialização e a situação do capitalismo monopolista vieram reforçar esta ambiguidade assim como a de outros progressos culturais e sociais desenvolvidos em uma situação de substancial não liberdade e de conflitos entre os homens. Isso se justifica: a) pela exigência de um mercado de trabalho que requer uma mão de obra cada vez mais qualificada e técnica e um perfil político de indivíduos que interiorizem o mais rapidamente possível as relações de domínio existentes. Para atender a isso há a correspondente política de escolarização de massas, que retira da família algumas funções de socialização; b) pela demanda social de educação. Neste cenário de domínio/emancipação, em suas contrastantes exigências, os agentes de socialização acabam por ser condutores e perpetuadores das várias contradições e atitudes conflitivas do coletivo frente às crianças.

Os agentes de socialização (família, igreja, escola) promovem a interiorização das regras, dos valores, das atitudes segundo sua mesma estrutura e função no coletivo, independentemente das interações e conhecimentos subjetivos. Aqui, surge uma interrelação com idéias psicanalíticas na pressuposição de que a perpetuação se dá graças aos mecanismos inconscientemente interiorizados. Assim, podemos ver, por exemplo, que o autoritarismo, denunciado em suas formas

mais evidentes - despótismo professoral, paterno, etc - revela uma dimensão da interiorização, a nível inconsciente, da violência das estruturas de domínio e de exclusão.

Saraceno situa a socialização como um problema político e, desta forma, contesta a valorização da educação elitizada nas instituições educativas e das propostas dos especialistas institucionais que estariam reduzindo a socialização a um problema pura e prevalentemente pedagógico. Por outro lado, ao nível da socialização familiar, a família aparece como prevalentemente nuclear, cujos membros das classes inferiores em contraste com os "superiores" estão caracterizados por uma relação salarial individual. De agente direto de produção, de sujeito sobretudo e ativamente econômico, a família se volta para setores cada vez mais amplos como agente de reprodução e manutenção da força de trabalho. Neumann-Schonwetter (8) escreveu: "A influência da orientação de classe na socialização familiar, que por sua vez determina a matriz da estrutura da personalidade infantil, nos últimos anos tem conquistado grande atenção nos problemas das ciências sociais. Apesar de não existir ainda uma teoria compreensiva da relação entre estrutura social e personalidade social, os resultados das investigações disponíveis se dirigem a uma ligação causal entre as posições dos pais no processo de produção, seus métodos educativos e a estrutura da personalidade de seus filhos. Isto significa que os pais mediatizam a seus filhos as capacidades cognitivas e motivacionais que são relevantes para a solução dos problemas determinados pela posição social que ocupam" (pg.38). Na mesma perspectiva é que Saraceno (9) vai postular que as diferentes modalidades de socialização estão intimamente ligadas às diferentes capas e classes sociais, tendo na família a mediação entre classe universal e indivíduo, no pressuposto

de que "a estrutura das relações econômicas e a divisão do trabalho definem o indivíduo desde os mais delicados mecanismos e experiências da primeira infância, com um recíproco reforçamento da constituição psíquica - interna - e da condição sócio-econômica - externa" (pg.28). Assim é que crianças de classe média e crianças de classe baixa, nascidas em condições ambientais diferentes, recebem orientação dos pais e atuam na vida cotidiana de maneiras diferentes, desenvolvendo experiências heterogêneas e particulares às suas classes.

1.2 - POR QUE CRECHES?

A pergunta nos remete a dois significados. Um dos significados sugere a finalidade deste trabalho enquanto o outro encerra a própria justificativa do surgimento da creche.

Este item tem uma finalidade informativa originada da constatação das dúvidas que prevaescem sobre o assunto.

1.2.1 - Creche não é Escola Maternal

O que qualifica a creche é o atendimento a recém-nascidos. Da insuficiência de publicações brasileiras sobre o assunto à escassez da prestação dos serviços da creche à primeira infância, surge o espaço vazio, preenchido por dúvidas ou suposições incorretas acerca desta instituição. Cabe ressaltar que tal desconhecimento de

certa forma reforça a concepção asilar de creche e, por outro lado, desvia-a de sua finalidade.

A maioria dos estudos realizados sobre tal tema é referente às culturas européias - primordialmente França e Itália, à americana e, em menor escala, à argentina. Poderíamos justificar que a história da creche nessas culturas é mais antiga. Ainda assim, recairíamos em outra afirmação: a história do abandono de crianças no Brasil também é antiga.

Na França, a valorização pela creche gera cuidados em sua organização. Sullerot e Saltiel (10) apresentam uma publicação que mostra os diversos tipos de creche, seus principais estatutos e normas de atendimento, bem como as exigências para o trabalho na creche: recrutamento, formação e condições de trabalho das "gardiennes" e "nourrices". Essas exigências não tem um caráter elitista, mas de ter no trabalho pessoas capazes de lidar com as necessidades da primeira infância.

O sistema educacional brasileiro só muito recentemente (há cerca de 20 anos atrás) devotou atenção ao ensino pré-escolar, ou seja, ao atendimento de crianças de idade inferior a 6 anos, assim mesmo sem gerir recursos que absorvessem essa população. Isso explica o surgimento das inúmeras escolas maternas particulares, principalmente para atender à demanda da classe média nas exigências educacionais de "aprimoramento" intelectual e social de seus filhos.

O que queremos ressaltar é que a escola maternal passou a ser confundida com a creche na medida em que, por um lado, cada vez mais "desceu" a idade das crianças atendidas pela escola maternal e, por outro, se ampliou a idade de atendimento na creche. Além disso,

a não absorção de pessoal especializado em cuidados da primeira infância para trabalhar na creche determinou a entrada de professores especializados em ensino pré-escolar, mas sem qualificação para o atendimento à primeira infância.

1.2.2 - A Creche protege a Criança?

Neste ponto é necessário reescrever o que introduz este trabalho.

A criação da creche como liberadora da mãe nos encargos com os filhos para o ingresso no sistema de produção atendeu triplamente à mulher, à criança, e ao Estado. A criança e a mulher como proteção e garantia à sua sobrevivência, pobres que eram de recursos financeiros e sanitários; ao Estado, que adquiriu mais a força de trabalho da mulher e, conseqüentemente, geriu mais lucros dentro do processo de industrialização.

No primeiro momento, atendendo à classe operária na guarda de seus filhos, tinha por objetivo único mantê-los vivos através de cuidados higiênico-sanitários, ainda assim em precárias condições. No segundo momento, o discurso da educação é introduzido na creche através da Pedagogia e também a Psicologia se insere para delimitar perfis de inteligência e desenvolvimento infantis. A classe média, na busca de um modelo mais formal de educação para seus filhos, delega à coletividade seus cuidados e percebe na creche o espaço desse exercício para a criança e para a própria família que, se desocupando da criança, ocupa-se de outras tarefas que possibilitem a seus membros a ascensão social.

Com isso, podemos entender como a creche foi desenvolvendo relações diferentes com a família, e conseqüentemente com o Estado, condicionadas por períodos diferentes do desenvolvimento sócio-econômico e político.

Cabe, também, situar que saindo do estado de dependência do núcleo familiar - onde há um reforço dos aspectos subjetivos - a criança é introduzida no mundo objetivo. A criança se diferencia da família e pode então construir sua própria realidade no confronto dos conteúdos subjetivos (provenientes da família) com os conteúdos objetivos (da sociedade). A aquisição desses conteúdos determina as modalidades de socialização primária - através da família - e secundária - através das demais instituições extra-familiares dentre as quais a creche se inscreve. Berger (2) chamou "socialização bem sucedida" ao estabelecimento de um elevado grau de simetria entre a realidade objetiva e a realidade subjetiva. Assim, da perturbação dessa simetria decorre... "a socialização imperfeita, determinada pela heterogeneidade dos objetos socializadores, pela mediação de mundos muito discordantes de outros significativos durante a socialização primária... ou por discordâncias entre socialização primária e secundária" (pg. 223).

A referência à socialização imperfeita pode ser entendida juntamente com a dificuldade de estabelecimento da individuação, da diferenciação entre um ser e outro, e, tratando-se de socialização infantil, entre criança e adulto.

A creche promove a formação de hábitos novos estranhos à criança, que serão tanto menos contribuidores à sua independência

quanto mais distanciados forem da realidade familiar e social a que a criança pertence.

Retomando a discussão inicial das relações estabelecidas entre creche, família e sociedade, a creche passa a ser o vínculo entre os conteúdos subjetivos e os conteúdos objetivos. Como tal cumpriria o papel de propulsora dessa indiferenciação a que nos referimos? Se a creche assume a qualidade de guardiã poderemos supor que estará protegendo a criança do "abandono" familiar e da usurpação do Estado e, portanto, terá domínio total sobre a formação da criança. Se observarmos sua função socializadora, decorrente do sistema sócio-econômico-político, teremos que nos remeter ao controle ou não controle institucional na detenção do saber e da compreensão das necessidades da criança - e também da família.

CAPÍTULO 2

2 - UMA VISÃO DA PRÁTICA

2.1 - UMA SUSCINTA APRESENTAÇÃO

Tomou-se como relevante que através da observação da dinâmica institucional se poderia investigar a transposição dos processos de socialização primária à secundária.

Assim, estabeleceu-se como interesse estudar não só a dinâmica interna das relações como a relação mesma da instituição com a criança e a família.

As duas unidades de pesquisa foram escolhidas aleatoriamente, por proximidade geográfica. Ambas se situam na Zona Sul do Rio de Janeiro. Para efeito de identificação foram denominadas CRECHE I e CRECHE II respectivamente ao atendimento da classe de baixa renda e da classe média.

Inicialmente, quando ainda se esboçavam as primeiras idéias do trabalho, apenas a creche I seria objeto de estudo, com a finalidade de revelar as características deste tipo de instituição. A formação mais clara do interesse pelo assunto gerou a redefinição do tema, que passou a incluir o estudo comparativo entre as duas classes sociais e, por conseguinte, a busca da creche II.

O objetivo do trabalho se modificou, passando de um estudo exploratório a um estudo correlacional. Contudo, permaneceu a perspectiva de revelar a organização da creche nos aspectos que passaremos a apresentar.

Os dados foram colhidos em 6 meses de permanência nas creches, através de observação e de entrevistas com funcionários e com mães. As entrevistas se basearam em roteiros (anexos) elaborados para este fim.

2.2 - DESCRIÇÃO DAS UNIDADES DE PESQUISA

CRECHE IObjetivos e Finalidades

Criada em 1974 por um grupo de mulheres religiosas - linha espiritualista cristã - a creche é uma instituição eminentemente assistencial, sem fins lucrativos, cuja manutenção se dá através de contribuição de 250,00 das mães, contribuição sistemática de sócios, doações espontâneas e resultado de dois bazares anuais.

Desde 1962 esse grupo subia uma vez por semana a uma favela, com o objetivo de fornecer ensinamentos de moral cristã, na assistência a seus moradores, até que fundaram lá uma escola. A observação de que as crianças menores não tinham como ficar em casa nos horários em que a mãe trabalhava, inclusive algumas, primordialmente meninas, de 4-5 anos, tomavam conta de irmãos menores (até recém-nascidos), fê-las pensar na creche.

A dificuldade de local na própria favela fez com que se instalasse num bairro da zona sul, cujo prédio foi doado para este fim. O mesmo grupo de mulheres continua fazendo o trabalho assistencial à favela e à creche.

Segundo a diretora fundadora, a dificuldade de infra-estrutura impossibilita a adoção de uma técnica ou orientação teórica para o desenvolvimento da criança na instituição. A preocupação está em tentar chegar o mais próximo possível à realidade das crianças. O grupo tem como objetivo, no tratamento com elas:

- . dar amor
- . educar com carinho
- . falar sem grito
- . não impor com ameaça de castigo
- . não fazer queixas às mães

A finalidade é atender crianças de 4 meses a 4 anos, cujas mães comprovem estar trabalhando e atendam a pelo menos um dos 3 critérios, segundo a seguinte ordem de prioridade: a) ser assistida na favela; b) ser moradora da favela; c) ser empregada doméstica diarista.

Clientela

A) Crianças

Idades	Sexo		Total
	M	F	
4m - 1a	-	3	3
1a1m - 1a6m	4	-	4
1a7m - 2a	2	2	4
2a1m - 2a6m	3	1	4
2a7m - 3a	2	-	2
3a1m - 3a6m	3	2	5
3a7m - 4a	1	3	4
Total	15	11	26

B) Mães

Além dos dados já vistos no item anterior, são mulheres de baixo poder aquisitivo e de pouca escolarização, sendo algumas analfabetas. A maioria é solteira e não tem marido ou companheiro. Todas trabalham em horário integral e recebem, em média, 1 salário mínimo.

Organização espacial

Localizada num pequeno prédio, antigo, a creche funciona em dois andares, a partir do primeiro lance de escadas. O andar superior é um terraço coberto, com chão de cimento, onde as crianças tem atividades livres e dirigidas. O andar inferior compõe-se de:

- . 3 banheiros, sendo 2 adaptados para crianças;
- . 3 salas, sendo 1 da pediatria, 1 da administração e outra de espera e lazer, onde se encontram uma televisão e alguns brinquedos;
- . 1 refeitório, com 5 mesinhas de 4 lugares cada e mais 4 cadeiras altas para alimentação de crianças menores;
- . 2 cozinhas, sendo uma bem pequena;
- . 3 quartos, sendo um com 12 caminhas e dois com 5 e 7 berços.

As paredes são decoradas com bichinhos e desenhos coloridos e há mobilis de papelão pendurados nos quartos, refeitório e sala de lazer.

Com exceção da sala de lazer e do quarto onde se localizam as caminhas, os cômodos são pequenos.

A transição é controlada e as crianças não tem livre acesso às dependências da creche. Quando estão na sala de lazer, por exemplo, a porta fica trancada com um trinco alto que só o adulto alcança.

Material

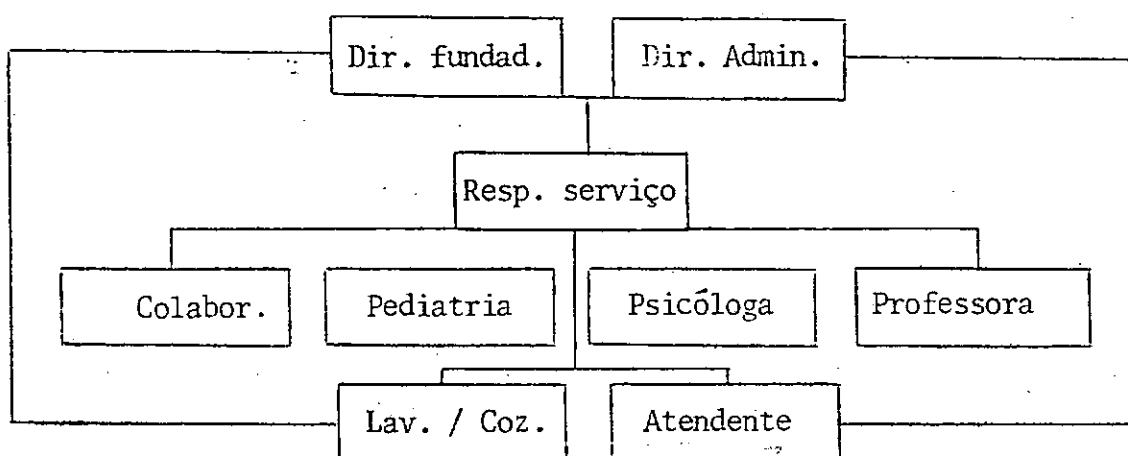
- . Caminhas de ferro pintado;
- . Berços de madeira laqueada;
- . Armários pequenos laqueados;
- . Armário de remédios (pediatria);
- . Pratos e talheres de plástico;
- . Brinquedos de utilização coletiva;
- . Jogos de armar;
- . Massas de modelar.

Pessoal

Diretoras (fundadora e administrativa); responsáveis de serviço (10); colaboradoras (40); pediatra; psicóloga; professora; atendentes (3); lavadeira-cozinheira.

Organização de trabalho

Apenas as 3 atendentes e a lavadeira-cozinheira são assalariadas, com contrato de trabalho. As demais são voluntárias que oferecem horas de trabalho na semana, sem qualquer tipo de remuneração. A maioria é sócio contribuinte. A professora, a psicóloga e a pediatra exercem atividades profissionais remuneradas fora do trabalho na creche.

A) OrganogramaB) Tarefas e carga horária

Responsável de serviço:

Carga horária - 1 dia na semana, na parte da manhã ou da tarde. Fu
nionam duas em cada dia.

Tarefas - Orientação geral da creche no seu turno: recebe ou entre-
ga as crianças, verifica a necessidade de medicação, cui-
da da distribuiçãõ das refeições, fiscaliza o trabalho das
empregadas e toma providências quanto a qualquer problema
que surja.

Colaboradora:

Carga horária - 1 dia na semana na parte da manhã ou da tarde. A
rígor são 4 por turno, num total de 8 por dia. Mas
como há rotatividade e o trabalho é voluntário, efe-
tivamente estão presentes 4 por dia, duas em cada

turno.

Tarefas - Recreação; toma conta das crianças enquanto elas desenvolvem qualquer atividade.

Psicóloga:

Carga horária - 1 dia na semana, na parte da manhã ou da tarde. Há um outro turno na semana em que ela funciona como responsável de serviço.

Tarefas - Orientação às colaboradoras, responsáveis de serviço e mães; estimulação às crianças, através de grafismo, modelagem com massa etc.

Professora:

Carga horária - 2 dias na semana, um turno cada.

Tarefas - Recreação dirigida.

Pediatra:

Carga horária - No início da creche, 1 dia por semana, sistematicamente. Atualmente, de 2 em 2 meses ou quando é solicitada na admissão de crianças.

Tarefas - Exame geral e entrevista com a mãe sobre a saúde da criança quando esta é admitida na creche; acompanhamento de vacinação e administração de vermífugos.

Atendente:

Carga horária - Diariamente, no horário de funcionamento da creche.

Tarefas - Rotina de limpeza, alimentação, banho e mudança de roupa nas crianças; acompanhamento na hora do sono e despertar das crianças.

C) Procedimentos

O horário de funcionamento da creche é de 7:30 hs. às 18:00 hs.

Durante o período entre 7:30 hs e 8:00 hs. se dá a entrada das crianças, que são entregues pela mãe à responsável de serviço. À medida em que as crianças vão chegando, vão sendo encaminhadas às atendentes, que cuidam da troca de roupa - a roupa que vem no corpo é substituída pela da creche (shortinho e camisetas herring) e trocada novamente na hora da saída - e da alimentação matinal.

As crianças passam a parte da manhã, até aproximadamente 11:00 hs, no terraço, com as colaboradoras, quando, então, descem para banho, refeição e descanso (todos encaminham-se para as camas). Ao acordar, sobem novamente para o terraço e lá lancham (os que tomam mamadeira o fazem no andar inferior). Às 15.30 hs descem, trocam a roupa de saída e ficam na sala de lazer até a hora que a mãe vem buscar. Nessa sala, assistem televisão ou brincam.

Os horários das crianças são rigorosamente seguidos e a criança que chegar depois de 8:00 hs. não entra. Quanto à saída, a partir de 15:30, qualquer hora que a mãe chegar pode levá-la, mas respeitando o limite máximo de 18:00 hs.

As colaboradoras e responsáveis de serviço não tem exigência de dia nem de horário. Contudo, elas aguardam sempre a chegada da outra do próximo turno para poderem ir embora, principalmente as responsáveis de serviço.

Em função da dificuldade de coordenar horários, não são realizadas reuniões para discussão dos problemas da creche. Cada um trabalha individualmente e a forma de comunicação encontrada por

elas foi a utilização de um caderno de registro diário onde tudo é anotado (recados, recomendações, procedimentos). Todas tem acesso ao caderno e a primeira providência da responsável de serviço ao chegar é a sua verificação.

Segundo a diretora administrativa, o ideal seria que fizessem reuniões, mas considera que a lacuna não é tão grande porque muitas delas participam do grupo que dá assistência à favela e aos sábados aproveitam o espaço de encontro lá para discutir questões prementes da creche.

Algumas colaboradoras ressentem-se, porém, do fato de desconhecerem outras que também atuam na creche.

No que se refere ao trabalho da pediatra, a sua orientação, e a filosofia de todos que ali trabalham, é que "creche é lugar de criança sadia". Desta forma, quando a criança adoce a mãe é solicitada a afastá-la e o tratamento é por sua conta. Após recuperada, reingressa e trás, se for o caso, prescrição de tratamento, dada por médico externo. Pelo controle de horário e dose de medicamentos a creche se responsabiliza.

Não são realizadas reuniões com as mães. O acesso que elas tem à creche é no momento da admissão da criança, quando se submetem à entrevista com a pediatra, e uma festa anual de aniversário (junho). Na entrada e saída da criança elas tocam a campainha e aguardam na porta.

No ato da entrevista de admissão, as mães são solicitadas a falar da gestação, do desenvolvimento e de qualquer irregularidade de saúde da criança - alergias, por exemplo. A pediatra explica o tipo de alimentação que é fornecida e esclarece que a criança que tenha hábitos diferentes será levada a adaptar-se, aos poucos,

aos hábitos da creche.

Também no ato da admissão, as mães recebem um regulamento. Há, ainda, o aviso de que as crianças só tomarão banho frio, terão a cabeça lavada todos os dias e, por uma questão de higiene, terão sempre o cabelo curto. Quando não há adaptação ao regime, a mãe é solicitada a retirar seu filho da creche.

A dinâmica institucional

O acesso que tive à creche foi imediato e a única restrição colocada à minha permanência ali, com objetivo de pesquisa, foi "desde que você não interfira no funcionamento e nas atividades da instituição".

Segundo as diretoras, as dificuldades do trabalho em si são muito poucas; "as pessoas que emprestam seus serviços à creche são pessoas amigas e todas tem o mesmo objetivo, o que cria um ambiente de paz e tranquilidade". Consideram que é esse o clima que deve passar como mensagem às crianças, particularmente aquelas, que tem condições de vida muito ruins. Apontam como grande falha, porém até o momento sem condições de ser solucionada, a ausência de reuniões, tanto do pessoal da creche quanto com as mães, mas acham que "isso não atrapalha o bom andamento da instituição".

Uma das diretoras, em relação à participação das mães, declarou:

"Há uma grande dificuldade de entrosamento com as mães. Já houveram tentativas de marcarmos reuniões com elas e quando o fize-

mos elas não vieram. São pessoas com muita dificuldade de vida e que não podem faltar ao trabalho para virem aqui. Acho que o entrosamento também fica difícil porque normalmente são pessoas muito ignorantes, pouco esclarecidas e a gente tem que ter muito tato ao lidar com elas".

Segundo declaração de uma colaboradora, a tentativa de marcar uma reunião com as mães se dá quando muitas delas começam a não cumprir os regulamentos, aparecendo problemas, e, então, "é bom chamá-las para lembrar as normas e saber se elas tem algo a pedir".

A diretora, ainda, declara-se triste quando sabe que há comentários entre as mães no sentido de criticar a creche - como, por exemplo, reclamarem que o filho foi mordido por um coleguinha ou feriu-se em alguma brincadeira. "De um modo geral são muito exigentes e críticas. O ideal seria que elas dessem um dia de trabalho na creche para ver como seus filhos são tratados. A atitude delas deveria ser de vir perguntar a nós e não ficar comentando lá fora. Acho que elas tem medo de perder a creche e, então, preferem não reclamar e fingir acatar as normas. Às vezes elas querem tapear quando a criança está doente, para que ela fique na creche, impedindo, assim, que percam um dia de trabalho. Nós entendemos porque sabemos da vida miserável que levam".

A opinião das colaboradoras e responsáveis de serviço coincide com as da diretoria. Todas acham que elas dão o que de melhor podem dar e que é uma pena que poucas crianças, porque não há muitas creches desse tipo, possam receber carinho, amor e cuidados, ainda que numa parcela do seu dia, na ausência da mãe.

Os objetivos de trabalhar ali se referem a poder ajudar, dar afeto e amor às crianças, ocupar seu tempo com um trabalho útil.

E há declarações de que "para mim, que gosto muito de criança, é uma terapia trabalhar aqui; vivo muito só e preencher meu tempo no cuidado dessas crianças é maravilhoso. Acho, porém, que uma pessoa que não tenha muita paciência não pode fazer esse trabalho".

Quanto às normas que são dadas pela direção para tratar com as crianças, dizem:

- "As normas são para as mães, para nós vale mais a consciência".

- "Há uma organização, uma rotina de trabalho e todos cum prem; é tudo muito organizado".

- "É importante não gritar com as crianças; não bater de forma alguma".

- "O importante é dar amor, dar orientação religiosa fraterna, observando as tendências da criança e tratá-las da melhor maneira possível".

Não há critérios de seleção para que as pessoas ingressem no trabalho, porque elas vão porque querem e gostam, voluntariamente. O critério principal é gostar de crianças e ter capacidade de dar amor; e quem não aguenta trabalhar com crianças naturalmente sai. Se não se adaptar a diretoria diz que a pessoa deve procurar um trabalho em que se sinta melhor.

A maioria nunca trabalhou com crianças em outras instituições, a não ser lidar com seus próprios filhos ou netos. Partindo do princípio de que a maioria tem filhos e, portanto, tem prática com crianças, não fazem treinamento. Para qualquer problema identificado pode ser solicitada orientação da psicóloga ou da diretora; esta normalmente orienta no sentido religioso, de como tratar as pessoas de modo geral.

As colocações em relação às dificuldades da criança foram feitas sempre em termos de quase inexistência delas: "no trabalho não há dificuldades; as crianças se adaptam rapidamente"; "não aparecem dificuldades, tudo corre bem. O tipo de problema que pode a parecer é uma doença, uma febre, mas quanto a isso a gente sabe que providências tomar". "Nós nos preocupamos com problemas de doença, porque nesses casos não podemos ficar com a criança e sabemos que a mãe não tem recursos para tratá-la direito". "O problema maior é que mesmo que se dê orientação de como deve agir, o tipo de regime alimentar que deve fazer pra criança etc, a mãe não dá continuidade em casa do regime que é dado aqui na creche. Aí, segunda-feira, por exemplo, é dia de muita diarreia".

Quando falam de alguma dificuldade, é relacionada à agressividade da criança, que, por sua vez, é vinculada à condição de vida que ela leva. Algumas declarações mencionam que quando chegam na creche as crianças são muito agressivas e aos poucos vão melhorando.

No que se refere a hábitos e valores, algumas consideram que eles são muito pequenos para adquirirem e não dá para avaliar já. "Talvez se possa notar mais tarde se o que eles aprendem aqui foi assimilado". "Além do mais, eles voltam à favela e o que é dado aqui se perde, porque as condições de vida em casa não possibilitam". Outra declaração diz: "as crianças não se interessam pelas orações e pelas músicas. Não repetem quando o adulto canta. É difícil saber se os valores são assimilados".

Contudo, o motivo de maior satisfação de todos que lidam com as crianças é sua obediência: "eles aprendem a obedecer com muita facilidade, mesmo os mais rebeldes". Além disso, mencionam que eles adquirem hábitos de higiene, como escovar os dentes, la -

var as mãos e ir ao banheiro, comportamentos de boa educação, como sentar à mesa, servir-se, não se sujar, falar baixo, saber lidar com os coleguinhas e cumprir horários.

Normalmente, quando as crianças são chamadas para o banho ou para comer, elas não se mostram resistentes de forma alguma, encaminhando-se imediatamente. Quando levantam da mesinha de refeição, cada um vai automaticamente para a sua cama sem contestar.

As notícias que chegam à creche através de observação das mães é de que as crianças reproduzem em casa alguns desses hábitos. Segundo elas, pedem licença para passar, agradecem quando recebem alguma coisa, pedem desculpas quando erram, pedem para a mãe rezar na hora de dormir, comem sem colocar as mãos dentro do prato, não aceitam ficar com o nariz escorrendo sem limpá-lo, por exemplo.

O depoimento de uma atendente, mãe de uma criança da creche, diz que a creche é a melhor opção para se deixar uma criança.

A. tem 37 anos, 7 filhos e 1 neto. Além de S., mais 3 de seus filhos já estiveram na creche. Antes deixava-os com parentes ou então os maiores cuidavam dos menores. Acha que a creche faz com que as crianças se desenvolvam mais, fiquem mais fortes, andem melhor e aprendam a se defender: "eram muito apegadas a mim e depois ficaram mais independentes"; S. era muito calma, muito boba e os outros batiam e ela chorava. Depois que entrou pra creche aprendeu a se defender e não chora mais". Considera bom que a criança aprenda a cumprir o horário e tenha refeição na hora certa. Diz que S. aprendeu a comer, a dividir com os coleguinhas, a obedecer.

Mais adiante declara:

"É muito diferente a educação daqui e a de casa. Em casa deixo comer à hora que ela quer; as crianças comem banana, bala e

na hora da comida mesmo não querem. Em casa, também, eu bato, sou mais agressiva com eles, não tenho paciência. É muita coisa que eu tenho que resolver. A educação da creche é mais organizada; as coisas são mais divididas e eu acho melhor".

Como atendente, A. diz que aprendeu a lidar com os filhos dos outros e que os trata muito bem. "Não são meus filhos, né, e na creche não é permitido bater".

Quanto às mães, foi bastante difícil entrevistá-las. Seu tempo é muito curto e adiavam sempre o contato comigo. Na entrada eram as patroas que as estavam esperando para o trabalho e na saída, o jantar por fazer ou o outro filho em casa e mais a condução que estaria cheia. Notava, também, uma certa desconfiança delas em dar declarações sobre a creche e seus filhos para uma pessoa estranha.

Como não podem penetrar na creche foi bastante desconfortável o contato na porta de entrada, mas uma coisa chamava a atenção: apresentavam uma aparência alegre e uma fisionomia de satisfação, despedindo-se de ou recebendo seus filhos com carinho. "Gosto muito dessa creche e não sei o que seria de mim se eu não pudesse deixar meu filho aqui", disse uma delas. Uma outra opinião se refere a que "se eu não pudesse deixá-lo na creche arranjaria um jeito de levá-lo comigo para o emprego". Ou então, confirmam: "quando não deixo aqui, porque às vezes chego atrasada, falto ao trabalho". A maioria tem a avaliação de que a creche é muito boa, trata muito bem as crianças e oferece uma alimentação sadia. Ou ainda, "eu não tenho tempo de educar e a creche educa".

Quanto ao desenvolvimento, as opiniões variam entre a vantagem de a criança aprender os hábitos higiênico-sanitários, de

ter coleguinhas prá brincar, de aprender a se defender: "era muito quietinho, parado, e hoje é mais alegre, brinca melhor, é mais esperto".

O fato de não terem acesso direto ao interior da creche não parece aborrecê-las muito. Dizem que não tem mesmo muito tempo e que a presença delas pode atrapalhar o serviço. Mas uma delas declara: "Gostaria de participar do aniversário dela (...)mas como vai atrapalhar o serviço da creche, tudo bem". Em relação à rigidez do horário de entrada os descontentamentos são maiores: "Eles podiam dar mais horário; quando é dia de vacinar se não chegar até às 9 hs. não entra mais. Às vezes ele precisa ir ao médico, né"?

Uma das mães deu a expressão do conformismo de algumas delas (se não da maioria): "Acho bom o sistema de não deixar a gente entrar, a gente não tem mesmo que se intrometer. Aqui quem manda é o dono da casa".

E: "Porque querer entrar? Também... Tem telefone, né!"

C R E C H E IIObjetivos e Finalidades

A creche foi criada no início de 1981, a partir da demanda de mulheres que sentiram a carência deste serviço no cuidado de seus filhos de idade inferior a 2 anos. A direção já mantinha em funcionamento uma escola, anexa à creche, desde 1963, fornecendo ensino maternal - 2 anos de idade mínima - até o 1º grau.

As solicitações para a instalação da creche partiram justamente das mães de crianças que frequentavam a escola e que se ressentiam da falta de um espaço especializado onde deixar os filhos menores para trabalhar. O cuidado das babás passou a ser cada vez menos satisfatório e a vida das avós não comportava mais o trato de crianças.

Segundo o diretor administrativo, o custo operacional é bastante alto e a creche só não fornece fraldas e a muda de roupas, que as crianças trazem de casa. O fato de a escola existir há mais tempo torna-a mantenedora da creche. As famílias pagam mensalidades, que podem ser de 10 mil a 26 mil cruzeiros, de acordo com o horário em que a criança se matricule, sendo o preço acrescido caso ela se utilize da instituição fora do horário tratado.

Apesar de não haver uma orientação metodológica única, o diretor aponta que os métodos de tratamento às crianças se baseiam em adaptações da teoria de desenvolvimento de Piaget havendo, ainda, intenção de adotarem também uma orientação montessoriana.

Em conformidade com a filosofia já reinante na escola a preocupação é de que o modelo da educação e ensino se dê a partir da vivência e do mundo da criança, aproveitando fatos de sua experiência familiar, das relações de parentesco, do bairro onde mora e dos locais de lazer que frequenta, dentre outros.

A finalidade é atender crianças de 3 meses a 2 anos - a idade limite pode se estender se a criança completá-la no decorrer do ano - não havendo critérios para admissão. Crianças com deficiências físicas leves são aceitas e a única restrição para o ingresso na creche é a não aceitação de deficientes mentais.

Clientela

A) Crianças

Idades	Sexo		Total
	M	F	
7m - 1a	3	7	10
1a1m - 1a6m	1	3	4
1a7m - 2a	5	2	7
2a1m - 2a6m	5	4	9
Total	14	16	30

B) Mães

São mulheres de instrução média e superior, na maioria casadas, que trabalham em horário parcial ou integral - cerca de 50% - e cuja renda familiar varia na faixa de 150 mil a 250 mil cruzeiros. Tem uma situação familiar estabilizada e quando seus filhos não estão na creche contam com o auxílio do marido ou companheiro e, mais eventualmente, da mãe ou sogra.

Organização espacial

A creche funciona em uma casa de 3 andares, em um bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro.

No andar térreo funciona a administração, comum à creche e à escola, composta de salas da direção, secretaria, contabilidade, supervisão e coordenação e cozinha.

O primeiro andar compõe-se de:

- . berçário (3 meses a 6 meses), com 4 caminhas de estrutura de ferro e cobertura de lona colorida e uma estante em forma de prateleiras presas à parede, que serve de apoio a brinquedos.
- . berçário (7 meses a 1 ano), com 8 caminhas de madeira gradeada laqueadas e 2 estantes-prateleiras com brinquedos.
- . sala de recreação, subdividida em 2 ambientes, havendo

em um deles 2 grandes colchonetes no chão com brinquedos de pano e plástico espalhados. No outro se encontram 1 cercado de corda trançada acolchoado na base, 2 cadeirinhas de palha, 3 cadeiras de lona suspensas (como balanços), 4 cadeirinhas de lona apoiadas no chão e um pequeno armário.

- . lactário, para a preparação de mamadeiras e sucos.
- . sala de higiene, com banheira de plástico suspensa, pia, tanque e mesa acolchoada.
- . sala de pediatria.
- . banheiro dos funcionários

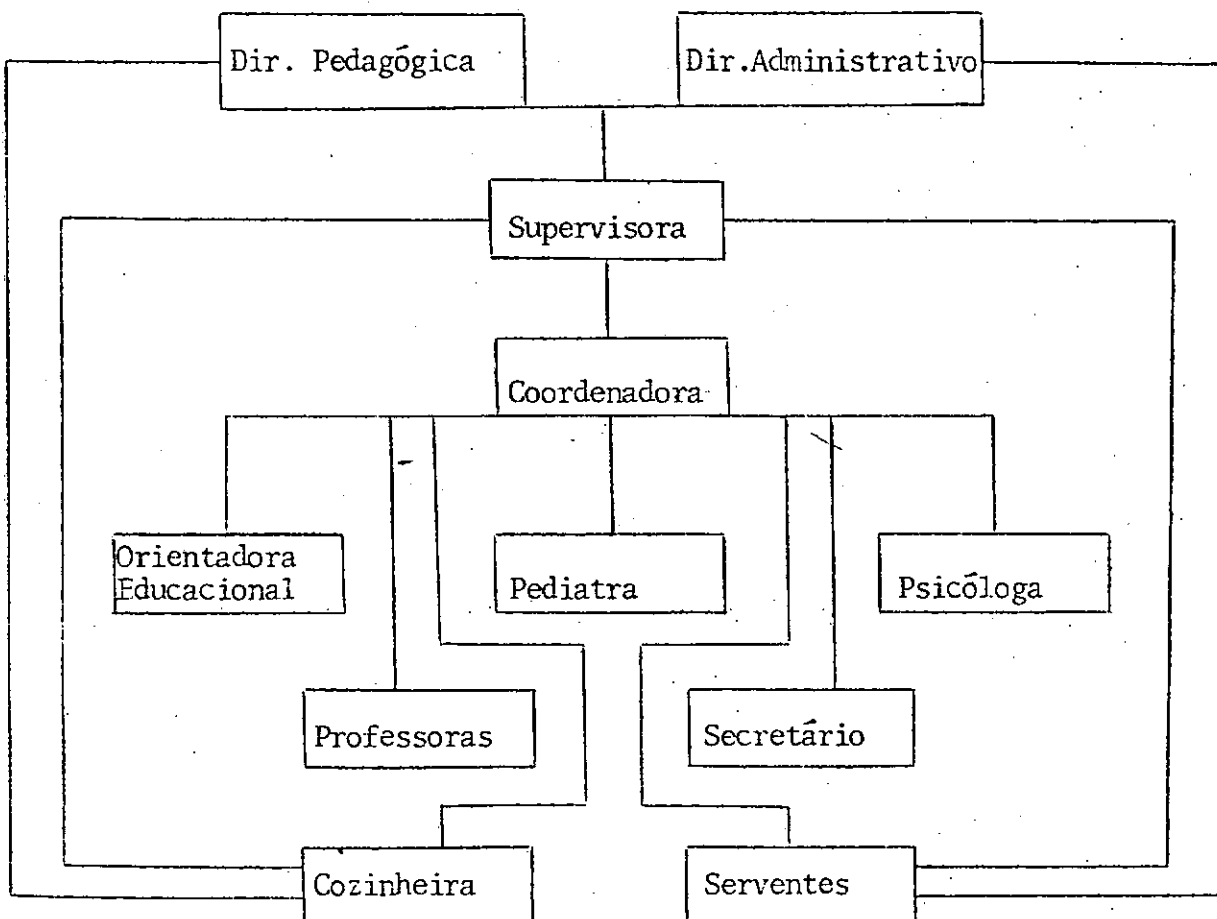
O segundo andar é todo de cerâmica e compõe-se de:

- . 2 salas de recreação com brinquedos, velocípedes e carrinhos, sendo uma delas um play-ground.
- . 1 solário, com um quadrado de areia e uma piscina de plástico.
- . uma sala subdividida em um espaço para descanso, com colchonetes no chão, e um lado com mesinhas pequenas que servem para refeição ou para desenhos.
- . um banheiro infantil.
- . uma lavanderia.

Todos os cômodos são amplos e tem ventiladores giratórios no teto. As paredes são decoradas com posters, bichinhos de pano, desenhos coloridos, pinturas e móveis. Na recreação são usados brinquedos pedagógicos, massas de modelar, tintas, desenhos, instrumentos musicais.

Pessoal

Diretores (pedagógico e administrativo); supervisora geral; orientadora educacional; coordenadora; pediatra; psicóloga, secretário; professoras-auxiliares de ensino (10); cozinheira; serventes (2).

Organização do trabalhoA) Organograma

B) Tarefas e carga horária

Supervisora:

Carga horária - Diariamente, em tempo integral.

Tarefas - Trabalha diretamente com os diretores. Supervisiona todo o trabalho da creche, responsabiliza-se pela chegada e saída das crianças, faz comunicados às mães quando necessários.

Coordenadora:

Carga horária - Diariamente, em tempo integral.

Tarefas - Coordena e fiscaliza o trabalho dos técnicos, dá o aval nos relatórios diários sobre as crianças, toma providências administrativas ou funcionais junto às professoras que lidam com as crianças.

Orientadora educacional:

Carga horária - Diariamente, em termo parcial, alternando os dias entre os horários de 8 às 12 horas e de 13 às 17 horas.

Tarefas - Orienta as professoras, orienta as mães das crianças, observa as crianças no seu dia a dia.

Pediatra:

Carga horária - Duas vezes na semana (dias fixos), em horário variável de 7 horas em média cada dia.

Tarefas - Entrevista mães quando as crianças são admitidas na creche - gestação, desenvolvimento clínico e vacinações, efetua exame sistemático nas crianças, diagnostica casos simples de emergência.

Psicóloga:

Carga horária - Duas vezes na semana, em tempo parcial.

Tarefas - Acompanha o desenvolvimento das crianças, orienta as professoras e as mães sobre problemas emocionais específicos das crianças.

Professora:

Carga horária - Diariamente, em tempo parcial. Funcionam quatro pela manhã e seis à tarde.

Tarefas - Dá banho e alimentação, cuida da troca de roupa, dá medicação quando a criança está fazendo uso de remédios, coloca a criança para dormir e observa o seu despertar, faz recreação livre e dirigida.

Secretário:

Carga horária - Diariamente, em tempo integral.

Tarefas - Fornece informações à clientela e efetua matrícula das crianças.

Cozinheira:

Carga horária - Diariamente, em tempo integral.

Tarefas - Prepara almoço e jantar.

Servente:

Carga horária - Diariamente, em tempo integral.

Tarefas - Cuida da limpeza geral das instalações da creche.

C) Procedimentos

A creche funciona de 7 hs. às 19 hs. Dentro deste horário, e no mínimo por quatro horas, a instituição possibilita que a criança seja matriculada durante qualquer período e dias, de segunda a sexta-feira.

O pagamento é estipulado pelo número de horas em que a criança vai permanecer quando se matricula, havendo aumento de preço se ela se utilizar de horários extras.

As crianças que chegam pela manhã ficam brincando até que lhe seja dado o lanche, às 9 hs. Às 11:30 hs é fornecido o almoço, seguido de descanso até 13:30 hs. O lanche se dá às 14:30 hs, de 16 hs às 17 hs, o banho e às 17:30 hs é fornecido o jantar. Essa rotina é quebrada no cuidado de bebês, que tem horários de mamadeiras e mudanças de fraldas, ou em banhos extras. Nos horários em que não estão sendo feitas a higiene e as refeições as crianças se dedicam a brincadeiras livres e/ou dirigidas.

Os grupos são divididos por faixas etárias de 3 meses a 1 ano e de 1 ano a 2 anos, funcionando seus aposentos respectivamente no 1º e no 2º andar. Em cada andar há 5 professoras que realizam todas as tarefas com as crianças, indiscriminadamente. Não há um número de crianças determinado para cada uma nem tarefas especificadas. Todas fazem de tudo de acordo com a necessidade e disponibilidade circunstancial.

Não são apontadas muitas dificuldades com as crianças e quando ocorrem estão relacionadas à saúde - cólicas, modificações de temperatura, rejeição à alimentação. Uma das professoras tem curso de enfermagem e normalmente a ela recorrem para uma medicação imediata na ausência da pediatra. Em casos mais graves, como ferimentos por queda, por exemplo, a criança é levada a uma clínica que mantém convênio com a creche. Sempre que há necessidade de ser administrado à criança algum tipo de medicamento, por qualquer tratamento que esteja passando, a mãe indica, em uma pequena circular fornecida pela creche, as instruções necessárias.

As professoras não recebem treinamento quando são admitidas. Passam por um período de experiência e são orientadas pela coordenadora e pela orientadora educacional quanto ao funcionamento da instituição e ao trato das crianças. A direção exige delas o cumprimento rigoroso do horário e uma aparência agradável e sorridente.

O diretor administrativo menciona que é bom o entrosamento entre toda a equipe técnica que ali trabalha. Não há reuniões entre e com os funcionários, a não ser que ocorra algum fato que esteja prejudicando o trabalho. A comunicação interna é verbal, in

dividual e os problemas que surgem chegam à direção quando não são de competência dos níveis hierárquicos inferiores, como o da coordenadora e o da supervisora.

Há uma outra modalidade de comunicação, especificada como comunicação externa. Esta se refere à comunicação com as mães e se dá em três níveis:

a) Através de circulares eventuais quando se trata de qualquer informação que precise ser veiculada, seja sobre a criança seja sobre as normas de funcionamento da instituição.

b) Através de circular diária sobre a vida da criança na creche, onde são especificadas a alimentação, fisiologia, alteração de temperatura, medicação dada, comportamento geral, ou outras observações. Esta comunicação tem finalidade dupla pois é também uma fonte de dados para o histórico da criança na instituição.

c) Através de contato direto das mães com a supervisora no momento de entrada e saída das crianças.

O acesso da mãe à instituição é aberto e direto. Sempre que ela deseje ver ou saber de seu filho lhe é permitido entrar. Da mesma forma, ela pode solicitar uma entrevista com qualquer um dos técnicos para discutir problemas de seu filho em alguma área específica. Assim, segundo o diretor, as reuniões conjuntas e sistemáticas de mães apresentam-se desnecessárias.

A dinâmica institucional

O primeiro ponto que nos chamou atenção comparativamente, à outra unidade de pesquisa - a CRECHE I - é que a mãe tem livre acesso à creche, não apenas nos horários em que vai levar ou apanhar a criança mas a qualquer momento que desejar vê-la.

Esse ponto parece gerar um hiato entre a direção e as professoras. As professoras se colocam insatisfeitas com a norma, primeiro porque a presença inesperada da mãe interfere no trabalho e dificulta a adaptação da criança, e, segundo, porque sentem-se desvalorizadas diante da autonomia excessiva delegada às mães. "A dona da creche é muito educada, mas autoritária; ela sempre acha que as mães tem razão e a gente, não"... "algumas mães tem dificuldade de entender nosso trabalho e reclamam de qualquer falhazinha mesmo que sejam coisas insignificantes, comuns, no tratamento de crianças"... "a direção faz tudo para ajudar os pais e não perder a clientela" ... são declarações que ilustram a situação exposta.

De fato, o diretor administrativo se coloca favorável à participação direta das mães e acha que suas opiniões, em princípio, tem que ser acatadas. "Nunca tivemos problemas com as mães e elas parecem muito satisfeitas com nosso trabalho".

O trabalho é valorizado pela possibilidade de atendimento médico sistemático, pela dedicação às crianças e atenção ao seu desenvolvimento, embora algumas mães considerem que o espaço livre necessário ao desenvolvimento seja pequeno. Há uma grande preocupação com a alimentação sadia e variada e com o rigor de horário de

sua administração, tanto por parte do pessoal da creche quanto por parte das mães. Os cuidados higiênicos, contudo, são menos valorizados.

Os comportamentos sociável e independente são caracterizados pela maioria das mães como o melhor resultado do relacionamento na creche. "As crianças aprendem brincando, recebem carinho e não são tratadas repressivamente" e "não quero que meu filho seja individualista e na creche ele aprende a conviver em grupo" são denotativos da educação liberalizadora que as mães procuram na creche.

Não houve menção ao cumprimento rígido de regras. As maiores exigências referem-se à obediência aos horários e ao preenchimento atento da circular sobre o comportamento diário da criança.

Os bebês não são acalentados no colo, a não ser nos momentos de cólicas ou de alguma outra insuficiência de saúde. Diferentemente daqueles de idade mais avançada (1 a 2 anos), permanecem a maior parte do tempo nas salas de recreação, no andar em que são atendidos.

As mães vêm a creche como sua melhor opção, e depositam confiança nas pessoas que lidam com seus filhos. A maioria declara que não vê diferença entre a educação da creche e a educação dada em casa. Colocam-se favoráveis à permanência da criança em casa se não tivessem que trabalhar. "Em casa a criança tem mais possibilidade de formar uma personalidade mais firme, mais forte, porque, se a educação da creche e de casa é semelhante, o amor é diferente".

2.3 - PENETRAR NO ESPAÇO-CRECHE

Sem dúvida podemos extrair diferenças de "comportamento" institucional e familiar nas creche I e II.

A creche I tem nas suas características assistenciais e benéficas a determinação do modo de relação que se estabelece. É valorizado o bem estar, a normalidade, o cumprimento de regras e o referencial de que a instituição se desenvolve bem e atinge os objetivos a que se propõe é dado pelo comportamento "obediente e adaptativo" das crianças e pelo trabalho sem crises e desavenças. Estar na condição de colaborador e contribuinte pressupõe baixo nível de aceitação de exigências.

"Damos o que de melhor podemos dar". As relações se estabelecem por este princípio: não exijo - não posso ser exigido. De um lado estão os que, assumindo o papel de voluntários para o trabalho, se furtam a qualquer tipo de reivindicação e também se vêem na condição de poder negar exigências. Do outro, aqueles que, se utilizando dos serviços oferecidos por esse grupo, pela sua própria característica e pela não remuneração por este trabalho, se obrigam a aceitar as regras do jogo.

O maior problema na determinação das consequências de tal tipo de estrutura de relações é a própria dificuldade no estabelecimento das relações explicitamente. Há um poder coercitivo velado, que, ainda que percebido por aqueles que se submetem a ele, no caso da instituição em questão, condiciona-os a sua aceitação por impossibilidade de melhor opção.

O poder da instituição está definido pela sua caracterização: dar amor às crianças, carinho, educação no sentido de comportamentos aceitáveis socialmente, alimentação e um teto mais "saudável" do que aquele que lhes é possível ter no seu lar. É esse o compromisso com o trabalho ali realizado e é essa também a expectativa que a mãe confere à instituição.

Na creche II o poder se institui pelo valor econômico e as regras assumem a dimensão do compartilhamento de responsabilidades educativas. A mãe se introduz na creche e dela exige o cumprimento de suas expectativas, que, se não satisfeitas, resultam na reivindicação explícita de correspondência do preço que paga por um serviço satisfatório. O referencial do funcionamento institucional se dá pela qualidade do que a criança aprende e pelo desenvolvimento progressivo de suas capacidades. Por outro lado, as contradições não se escondem, pois, se se dilui o poder do grupo dirigente na liberdade conferida na dinâmica institucional, é através do grupo de "professoras" que surgirá o seu desvendamento - são elas que estabelecem o contato direto com as crianças e se submetem aos olhares da mãe. "A remuneração é baixa" é uma contestação de todas. E, isso pode resultar por si só na negligência do trabalho ou na exigência de sua valorização.

A ausência ou presença da mãe parece determinar os princípios de socialização na creche. Na medida em que se começa a entender a estrutura da instituição e as deficiências do trabalho, se começa a ter uma outra forma de ação sobre ele e se quebram as barreiras da comunicação. Os serviços se intercambiam. Surge a descoberta da possibilidade de participação nas decisões e a exigência de

que os valores de cada um dos grupos sejam passíveis de absorção pela instituição. É como também administrá-la.

Se o poder instituído não permite tal confronto as regras se cristalizam no domínio da instituição. O "melhor" para a criança passa a se definir pelo sistema de regras da instituição e o afastamento da mãe subtrai da criança a possibilidade de confirmação ou não confirmação de tais regras, já que é da experiência de relação com a mãe que se inicia seu crescimento.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

A introdução da criança no mundo objetivo caracteriza o término da socialização primária e o início da socialização secundária, em que são interiorizadas as diversas experiências sociais que se passam exteriormente à relação familiar, particularmente à interação mãe-filho. Esta caracterização, por si só, concede à creche o qualificativo de socializadora. Mas, o que estamos discutindo são as bases desse qualificativo, ou seja, qual compreensão se tem da creche quando ela trata a realidade subjetiva da criança com seus substratos sócio-econômico-políticos do mundo objetivo.

Quando confrontamos as bases do processo de socialização apresentadas nos modelos teóricos com as realidades das creches I e II, observamos que implícita e explicitamente se apresentaram modalidades diferentes de socialização significativas das classes média e de baixa renda. Além disso, pudemos destacar na ausência de participação da mãe no interior da creche I o reforço ao poder institucional sobre o saber da criança.

Discutiremos, então, a partir da figura central: a mãe. Através dela o discurso familiar chega à creche, caracterizando a transmissão das expectativas de socialização. Como podemos entender isso? A relação recíproca na díade mãe-filho situa a problemática em duas dimensões. Por um lado, nos remete à própria socialização da mãe que, portanto, interiorizou as experiências da ação social, e, por outro, à base da sedimentação de estruturas do crescimento infantil na forma de interação na díade mãe-filho. Admitin

do a creche como agente de socialização extra-familiar e, portanto, secundária, não poderíamos supor o mesmo fundamento para explicar a aquisição e interiorização de valores e normas a partir da relação da criança com outros adultos que não a mãe. Contudo, é no caráter dialético e histórico com que Lorenzer trata a questão, confrontando a subjetividade (natureza interior) com a objetividade (natureza exterior) que pudemos entender que criança e mãe, como partes de um mesmo estrato social, estariam reproduzindo os conteúdos de sua classe, diferentemente dos conteúdos adquiridos numa outra classe.

Saraceno (9) mostrou, através de alguns estudos, que a classe média tem necessidade de cultura, tem interesse por uma educação liberal, maior disponibilidade a compreender as necessidades pessoais da criança, maior curiosidade e expectativas de autonomia. A classe baixa, por outro lado, tem pouca necessidade de emancipação, uma educação limitadora de comportamentos e normas disciplinares muito rigorosas, valoriza a limpeza, a ordem, boas maneiras e acentuação da obediência, dá atenção à criança num sentido econômico-financeiro, tem mais tendência ao conservadorismo e ao seguimento de regras padronizadas.

Neste ponto poderíamos inferir que alguns aspectos da socialização seriam mais vulneráveis do que outros à influência da creche. Esses aspectos seriam aqueles mais diretamente ligados aos papéis da mãe, segundo os componentes por ela trazidos da classe a que pertence.

De fato, observaram-se diferenças que se estabelecem na expectativa mútua mãe-creche. A característica de conformidade da classe baixa aparece na fala das mães da creche I quando, por exem-

plo, ao pronunciamento de "eu gostaria que" segue-se um "mas, tudo bem". As regras da instituição são incontestavelmente obedecidas e essa obediência é valorizada através da mensagem passada à criança. A mensagem na creche I se passa através de um poder coercitivo, determinado pelo próprio sistema de regras e pelo nível de sua aceitação como troca do serviço que oferece. O reforço aos comportamentos desejados pelo adulto é dado pelo gesto de carinho, elogios, palavras de amor, incentivo à compreensão. O comportamento agressivo é dissimulado da mesma forma e as brincadeiras são "bem comportadas" - a uma criança que balança um puxador de ferro é dito: "vamos brincar de outra coisa porque bater aí faz muito barulho". Os valores cristãos são passados como aqueles que permitem ao homem ser feliz e diminuir seu sofrimento. A realidade amena e fraterna mantém o espaço para o exercício dos comportamentos socialmente aceitáveis e não há porque contestá-los, já que é a oportunidade de tê-los. Na creche II a mensagem é passada mais explicitamente, tudo é verbalizado e o reforço é dado pelas atitudes de compreensão às peculiaridades de cada criança - não há regras de comportamento. A criança escuta dizer que ela é diferente da outra e recebe confirmação na atitude complacente do adulto ou na reprimenda direta, sem ameaças.

A mãe de classe baixa tem necessidades práticas e básicas e nem sempre é possível compreender o outro e dissimular comportamentos quando são muitas as insuficiências e, em sua decorrência, as frustrações. A desobediência às regras pode significar mais perdas e mais privações. Na classe média esse temor é inexistente, já que as opções são garantidas pelo poder financeiro e as perdas não ameaçam a sobrevivência.

Na confirmação desses aspectos se recoloca a questão da relação mãe-creche. A ameaça da perda do espaço institucional detém a iniciativa da exigência. As mães da creche I "não querem" entrar na creche e, no jogo de expectativas e apaziguamento, a creche não permite sua permanência ali. Na creche II, não só o livre acesso das mães é permitido como são dadas a elas as regalias reclamadas pelas auxiliares da creche. O livre acesso da mãe não cancela o poder institucional mas, certamente, o obscurece. O que se passa no espaço da instituição é visto e, se na creche I a criança é falada pela instituição, na creche II ela fala através da mãe. A presença ou ausência da mãe na creche é um dos determinantes da sedimentação dos conteúdos da realidade objetiva na criança.

As mensagens passadas à criança vem carregadas de significações que são da mãe e da creche e cuja transmissão se faz através da linguagem falada ou não. Nas creches tratam-se de crianças pequenas cuja expressão das vontades e necessidades é interpretada ao nível da linguagem simbólica dos gestos. Assim, na creche I, pela ausência da mãe, a criança é falada pela instituição, enquanto na creche II a criança fala através da mãe, que decodifica sua mensagem.

Entendendo a função da linguagem como de veiculadora de significações, é dela que parte a autonomia de interpretação e crescimento. O poder que a instituição detém em função da condição social que atende não perpetua, na creche II, a dependência instaurada na creche I, onde, pela ausência da decodificação da mensagem da mãe, a criança fica à mercê dos valores institucionais - a autonomia da linguagem começa e no espaço institucional é barrada. O que estamos querendo dizer é que a imagem de autonomia da língua -

gem que a mãe transmite ao se introduzir na creche II não ocorre na creche I, onde a mãe reforça, com sua ausência, a que a criança fique à mercê do discurso da creche.

É a possibilidade do uso dos símbolos que move o crescimento e que gera o poder de decodificação das mensagens do mundo objetivo. A creche I não abre espaço de autonomia de tal uso e, assim, preserva a criança nos seus valores de classe como também diminui sua possibilidade de interiorização e ação crítica. A identidade da criança é determinada pela pertinência ao grupo e pela conformidade às normas, o que não dá à creche I uma função de socialização transformadora da concepção da criança como ser diferenciado e autônomo.

Essa análise também pode justificar o qualificativo de guardiã que a creche mantém. Se a classe média tem necessidade de cultura e de técnicas educativas mais aprimoradas numa visão liberalizadora, a creche que corresponde a essas expectativas tem um papel muito mais socializador já que cuidar apenas da criança e "guardá-la" enquanto a mãe trabalha não basta. Por outro lado, a demanda da classe baixa na procura de custódia dos filhos reforça a função de guardiã da creche e lhe permite uma determinada função socializadora.

Guardiã e Socializadora são atribuições que a creche detém. Mas a que socialização nos referimos se desejamos dela um papel alterador das atuais condições da vida infantil, da situação de vida da família e das estruturas sociais que as determinam?

O que aqui se apresentou aponta alguns cuidados que, desejamos, possam sugerir outros estudos que ampliem investigações e ações sobre esses problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ARIES, P. História social da criança e da família. (1973). Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- 2 - BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. A construção social da realidade. (1966). Petrópolis: Vozes. 1973.
- 3 - DONZELOT, J. La police des familles. (1977). Rio de Janeiro: Graal. 1980.
- 4 - GREENSON, R. International Journal of Psychoanalysis, 31, 1950.
In: LORENZER, A. Bases para una teoriade la socialización. Buenos Aires: Amorrortu. 1972.
- 5 - HASSOUN, J. Entre la mort et la familie: L'espace-crèche. Paris: Maspero. 1973.
- 6 - LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed. 1977.
- 7 - LORENZER, A. Basés para una teoria de la socialización. Buenos Aires: Amorrortu. 1972.
- 8 - NEUMANN - SCHONWETTER, M., GOTTSCHALCH, W. e SOUKUP, G. Soozialisation und Sozialerziehung. In: SARACENO, C. Experiência y teoria de las comunas infantiles. Barcelona: Fontanela. 1977.
- 9 - SARACENO, C. Experiência y teoria de las comunas infantiles. (1972). Barcelona: Fontanela. 1977.
- 10 - SULLEROT, E. e SALTIEL, M. Les crèches et les équipements d'accueil pour la petite enfance. França: Hachette. 1974.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARIES, P. História social da criança e da família (1973). Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- BAGU, S. e outros. Família y sociedade. Buenos Aires: Tierra Nueva. 1975.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. A construção social da realidade. (1966). Petrópolis: Vozes. 1973.
- BLEGER, J. Psicohigiene y psicologia institucional. Buenos Aires: Paidós. 1976.
- CHECHINATO, D. A creche e a criança carente. Resumos da XXVIII reunião anual da S.B.P.C., p. 626, 1976.
- COSTA, J.F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal. 1979.
- DONZELOT, J. La police des familles (1977). Rio de Janeiro: Graal. 1980.
- ESTABLET, R. e BAUDELLOT, C. L'école capitaliste en France. Paris; Maspero. 1971. In: As instituições e os discursos. Rio de Janeiro: Vozes. 1974. Coleção tempo brasileiro, 35.
- HASSOUN, J. Entre la mort et la famille: l'espace-crèche. Paris: Maspero. 1973.
- HOCHMANN, J. Hacia una psiquiatria comunitaria (1971). Buenos Aires: Amorrortu. 1972.
- LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro: Francisco Álvés Ed. 1977.

- LORENZER, A. Bases para una teoría de la socialización. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.
- LOURAU, R. A análise institucional. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- MEISEL, O. Creches comunitárias: uma indagação para psicologia. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1979.
- RAPOPORT, D. e CHOPPY, M.C. Quinze années d'expérience en crèche: réflexions sur les rôle et la fonction des psychologues cliniciens, Bulletin de psychologis, T XXXII, (39): 167-174.
- RIESSMAN, F. Trabajo psicológico y pedagógico con niños de classes populares. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo. 1974.
- SARACENO, C. Experiência y teoria de las comunas infantiles (1972): Barcelona: Fontanela. 1977.
- SULLEROT, E. e SALTIEL, M. Les crèches et les équipements d'accueil pour la petite enfance. França: Hachette. 1974.
- SPITZ, R. The first year of life. New York, International University Press. 1965.
- WALLON, H. L'étude psychologique et sociologique de l'enfant. Cah. Intern. Sociol., 1946, Reed. Enface, Paris, 3-4: 297-308.

A N E X O 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA (FUNCIONÁRIOS)

- 1 - Com que objetivo você veio trabalhar aqui? Trabalha também em outro lugar?
- 2 - Você é remunerada pelo seu trabalho?
- 3 - Em que dias e horários você trabalha?
- 4 - Houve algum critério de seleção para que você pudesse trabalhar na creche?
- 5 - Quando você entrou recebeu algum tipo de treinamento para lidar com as crianças?
- 6 - Quais são as normas ou regras da creche que são dadas a você para que possa trabalhar aqui?
- 7 - Você já teve outra experiência de trabalho com crianças antes de vir para essa creche?
- 8 - Como se desenvolve o seu trabalho na creche?
- 9 - Quais são os hábitos e os valores que as crianças adquirem aqui, do que você pode observar no tratamento com elas? O que lhes é ensinado e como lhes é ensinado?
- 10 - De quem partem as ordens para o serviço? A quem você recorre quando há algum problema com as crianças?
- 11 - Que tipo de dificuldade ou problema surge com as crianças no dia do seu trabalho?
- 12 - Em que medida se dá a participação dos pais na dinâmica da creche? Você tem possibilidade de comunicar e discutir com os pais algum problema surgido com as crianças?

A N E X O 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA (MÃES)

- 1 - Nome
- 2 - Idade
- 3 - Estado Civil
Tem um companheiro? Sim - Não
- 4 - Nº de filhos e idade
- 5 - Quantas e quais (relações de parentesco) pessoas moram em casa?
- 6 - Mora em casa? Própria - Alugada
- 7 - Bairro de residência
- 8 - Você trabalha? Em que horário?
Quantas pessoas de sua casa trabalham fora?
Renda Familiar
- 9 - Por que motivos a criança está na creche?
- 10 - Já teve outros filhos em creche?
- 11 - Quando seu (sua) filho (a) não está na creche com quem ele (ela) fica pra você trabalhar?
- 12 - Que outras pessoas, em casa, contribuem na educação e auxiliam no cuidado dos seus filhos além de você?
- 13 - Você acha que a creche é a melhor opção para deixar seu (sua) filho (a) ou você preferia deixá-lo (a) de outra forma ou em outro lugar?
- 14 - Você acha que o tipo de educação dada na creche é diferente do tipo de educação dada em casa? Como?

- 15 - Em relação ao item anterior, quais são essas diferenças? O que você apontaria como melhor para o (a) seu (sua) filho (a) e vo
cê?
- 16 - Seu (sua) filho (a) comenta em casa sobre a creche? Do que
ele (a) fala?
- 17 - Que modificações você sente em seu (sua) filho (a) depois que
ele (a) entrou pra creche? O que ele (a) já aprendeu e adqui-
riu? (desenvolvimento, hábitos higiênicos, sociabilidade etc)
- 18 - O que você acha da creche? O que ela fornece de melhor e o
que ela tem como falhas?
- 19 - Como você participa da vida de seu (sua) filho (a) na creche?
Você tem acesso ao que se passa com ele (a) na creche? De que
forma?
- 20 - Essa forma de participação a satisfaz? Se não, como gostaria
que fosse? Por que?

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Rivas

Circe Navarro Rivas (orientadora)
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Esther Frankel

Esther Frankel
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Esther Maria Acute Camargo

Esther Camargo
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 30/04/82

Vera Maria S. Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de Teo-
logia Ciências Humanas.